



Trabalhadores de Belém, uni-vos: anarquismo e sindicalismo revolucionário no estado do Pará (1912-1932)

Workers from Belém, unite: anarchism and revolutionary syndicalism in the state of Pará (1912-1932)

Trabajadores de Belém, unidos: anarquismo y sindicalismo revolucionario en el estado de Pará (1912-1932)

Marcos Lucas Abreu Braga [*]

[*] Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH/UFAM). Doutorando em História Social pela mesma instituição. Professor da rede pública de educação básica do Amazonas (SEDUC-AM). E-mail: marcoslucasab@gmail.com

Resumo: Com base na análise crítica da imprensa periódica (operária e diária), a proposta deste artigo é delinear a trajetória dos esforços dos anarquistas residentes em Belém do Pará, no início do século XX, no sentido de fundarem federações sindicais sob orientação sindicalista revolucionária – compreendendo que, no caso específico do estado do Pará, o sindicalismo revolucionário se expressou muito mais como uma estratégia adotada pelos militantes libertários do que como uma tendência política autônoma – bem como dimensionar a influência destas entre os trabalhadores belenenses, buscando identificar em quais categorias profissionais esses esforços tiveram mais resultados, quais foram os momentos em que elas exerceram maior atração entre os trabalhadores belenenses e estimar quantos destes as federações sindicalistas conseguiram mobilizar em suas greves e manifestações coletivas.

Palavras-chave: Anarquismo; sindicalismo revolucionário; movimento operário.

Abstract: Based on a critical analysis of the periodical press (worker's and daily), the purpose of this article is to outline the trajectory of the efforts of anarchists residing in Belém do Pará, at the beginning of the 20th century, to found union federations under revolutionary syndicalist guidance - comprising that, in the specific case of the state of Pará, revolutionary syndicalism expressed itself much more as a strategy adopted by libertarian militants than as an autonomous political tendency – as well as measuring their influence among belenense workers, seeking to identify in which professional categories these efforts had more results, what were the moments in which they exerted greater attraction among belenenses workers and estimate how many of these the unionist federations managed to mobilize in their strikes and collective demonstrations.

Keywords: Anarchism; revolutionary syndicalism; labor movement.

Resumen: A partir de un análisis crítico de la prensa periódica (obrero y diaria), el objetivo de este artículo es esbozar la trayectoria de los esfuerzos de los anarquistas residentes en Belém do Pará, a principios del siglo XX, para fundar federaciones sindicales bajo la orientación sindicalista revolucionaria – comprendiendo que, en el caso específico del estado de Pará, el sindicalismo revolucionario se expresó mucho más como una estrategia adoptada por militantes libertarios que como una tendencia política autónoma – así como medir su influencia entre los trabajadores belenenses, buscando identificar en qué categorías profesionales tuvieron más resultados estos esfuerzos, cuáles fueron los momentos en los que ejercieron mayor atracción entre los trabajadores belenenses y estimar cuántos de éstos las federaciones sindicales lograron movilizar en sus huelgas y manifestaciones colectivas.

Palabras clave: Anarquismo; sindicalismo revolucionario; movimiento obrero.

Considerações iniciais

Ao longo das três últimas décadas do século XIX, os trabalhadores urbanos de Belém do Pará começaram a formar instituições que expressavam uma identidade de classe, tais como sociedades mutualistas e beneficentes, periódicos produzidos por e para trabalhadores, partidos que visavam representar politicamente esse segmento social, bem como o empreendimento de movimentos grevistas por melhorias nas condições laborais (Salles, 1992; Salles, 2001; Fontes, 2002). Nessas primeiras manifestações, predominou como orientação política um socialismo de cunho reformista, afeito a mediação de classe e ao uso de táticas eleitorais.

A partir da década de 1910, outra corrente política e ideológica ganhou força nesse movimento, o anarquismo ou socialismo libertário. Os militantes ácratas de Belém atuaram de diversas formas ao longo daqueles anos, seja formando grupos de afinidade político-ideológica (Braga 2022a), fundando instituições educacionais (Braga 2022c) ou organizando manifestações culturais (Braga 2022b). No entanto, uma das formas mais expressivas dessa presença e influência no meio operário belenense foi a organização de sindicatos e federações sindicais de orientação sindicalista revolucionária.

A proposta deste artigo é delinear a trajetória dos esforços dos anarquistas residentes em Belém do Pará no sentido de fundarem essas federações sindicais – compreendendo que, no caso específico do estado do Pará, o sindicalismo revolucionário se expressou muito mais como uma estratégia adotada pelos militantes libertários do que como uma tendência política autónoma – bem como dimensionar a influência destas entre os trabalhadores belenenses, buscando identificar em quais categorias profissionais esses esforços tiveram mais resultados, quais foram os momentos em que as propostas do sindicalismo revolucionário exerceram maior atração entre os trabalhadores

belenenses e estimar quantos destes as federações sindicalistas conseguiram mobilizar em suas greves e manifestações coletivas.

O recorte temporal se estende da fundação do primeiro grupo de propaganda sindicalista revolucionária no estado do Pará, em 1912, à última referência encontrada acerca de uma federação sindical orientada sob essas bases, em 1932.

Para tal, além do diálogo com os estudos acadêmicos já desenvolvidos sobre o anarquismo e o sindicalismo no Brasil e sobre o movimento operário no estado do Pará, foi feita a análise crítica da imprensa periódica, tanto a diária, que eventualmente divulgava notícias de greves e outras manifestações classistas, quanto e principalmente dos jornais produzidos pelos grupos e organizações anarquistas e sindicalistas revolucionários de Belém, tais como *O Semeador* (1919-1920), *A Voz do Trabalhador* (1920; 1921; 1924), *Jornal do Povo* (1918) e *O Motorista* (1928). Jornais libertários de outros estados, como os paulistanos *A Lanterna* e *A Plebe*, o carioca *A Voz do Trabalhador* e o manauara *A Lucta Social* também se mostraram valiosos, já que por vezes eles deixaram entrever em suas páginas a troca de correspondência com os grupos paraenses, fornecendo informações importantes para a construção da interpretação exposta a seguir.

As Federações Sindicalistas em Belém do Pará

Diferente de outros centros urbanos brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, onde o anarquismo teve uma forte presença no meio operário desde a primeira década do novecentos (Batalha 2022, 537-543), em Belém do Pará ele foi bastante minoritário nesse período. A maioria das organizações operárias que surgiram na cidade nesse momento tiveram um caráter beneficente ou mutualista¹ e uma organização político-eleitoral, o *Partido de Artistas e Operários do Pará* (1887-1912), parece ter exercido certa hegemonia entre o operariado local ao longo de todo o decênio.² Isso não significa a ausência completa de libertários na capital nortista, como pode-se atestar pela presença do artista de origem italiana Armando Schivazappa no final do século XIX, organizando peças de cunho social pelo grupo *Luz e União* (Salles 1992, 68) ou pela publicação, em 1901, do periódico bilingue *Un Anniversario: Rivendicazione*, edição especial em referência ao assassinato do

¹ No levantamento feito por Adriano C. de Oliveira, com base nos estatutos de associações civis preservados no Centro de Memória da Amazônia, foram identificadas oito mutualistas operárias e um sindicato fundados ao longo daquele decênio (Oliveira 2019, 36).

² Esse partido mantinha relações com o grupo oligárquico ligado ao intendente Antônio José de Lemos e fez publicar o periódico semanário *O Trabalho* entre 1901 e 1904. Seu “chefe”, Teodomiro Martins, foi eleito sucessivas vezes como deputado estadual, pelo menos em parte pelo voto operário (Salles 1992, 218-223).

rei italiano Humberto I pelo anarquista Gaetano Bresci no ano anterior, levada a cabo por um grupo de militantes também de origem italiana.³

Apesar dessas evidências, o estado atual das pesquisas indica que a presença anarquista na primeira década do século XX foi bastante modesta e descontínua na capital paraense. Foi somente na década de 1910 que a corrente ganhou maior relevância e adesão na classe operária local, com o surgimento de diversos sindicatos e federações sindicais de orientação sindicalista revolucionária que chegaram a mobilizar milhares de trabalhadores no final daquele decênio.

O embrião destas iniciativas foi o *Centro Sindicalista das Classes Trabalhadoras do Pará* (CSCT), grupo de propaganda cuja trajetória de fundação foi parcialmente acompanhada e divulgada pelo jornal libertário e anticlerical *A Lanterna*, de São Paulo. No início de 1912, o periódico paulistano informou que “um grupo de ativos companheiros de lutas de Belém, Pará, estão trabalhando pela fundação naquela capital do Norte de uma sociedade de propaganda dos nossos princípios. Oxalá os nossos amigos consigam levar à cabo a sua louvável iniciativa”.⁴ Alguns meses depois, seus redatores ainda publicaram outra nota acerca do CSCT:

Já aqui tivemos a ocasião de noticiar que um núcleo de ativos de operários estava trabalhando com atividade para a fundação de uma sociedade destinada a reunir a classe trabalhadora daquele Estado do Norte. Por uma carta recebida há pouco, sabemos que essa ideia vai ganhando terreno, já estando assente a fundação do Centro Syndicalista da Classe Trabalhadora do Pará. Aos bons amigos Antônio da Costa Carvalho e Eduardo Guerra, que bastante se têm esforçado em favor da propaganda no Pará, enviamos as nossas felicitações, por vermos em bom caminho a sua excelente iniciativa. (“Vida operária”. *A Lanterna*, São Paulo. nº 134, 13 abr. 1912, p. 3)

A ata de fundação do CSCT, reproduzida no *A Lanterna*, informou que seu objetivo central era desenvolver uma “ativa propaganda do ideal de emancipação humana no seio dos trabalhadores” e se esforçar para “organizar sindicatos de resistência orientados segundo a tática da ação direta”, contando com dezessete assinaturas.⁵ Algumas semanas antes de reproduzir a ata de fundação, o jornal paulistano já havia publicado uma moção de protesto dos membros do grupo paraense contra o espancamento do operário Francisco Calvo pela polícia paulistana, assinado praticamente pelos

³ A publicação do periódico chamou a atenção do vice-cônsul da Itália no Pará, Giuseppe Pozzo, que fez uma investigação acerca de seu principal editor, o sapateiro Guglielmo Marrocco, e de vários de seus assinantes, como Orazio Giardini, Giacinto Rainato, Carlo Fiore, Libero Pinerolo e Ernesto Cacciari. Ver (Felici 1994, 157-159, 397).

⁴ “Núcleos de Vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo. nº 125, 10 fev. 1912, p. 3.

⁵ Os signatários foram; Antônio da Costa Carvalho, Manuel S. Suarez, Manuel Barrajo, José B. Loureiro, Luiz S. Gonzalez, Antonino Dominguez, José C. Perez, Julio B. Alves, Abel S. Nogueira, Eduardo Guerra, Francisco Ferreira, Antônio da S. Canelo, Antônio Vicente, José Fernandes, Secondino C. Perez, Adolfo F. Acosta e Maria Guerra. “Vida Operária”. *A Lanterna*, São Paulo. nº 156, 14 set. 1912, p. 4.

mesmos nomes.⁶ Muitos deles estarão presentes nas comissões executivas de sindicatos ou como delegados nas federações sindicais nos anos posteriores.

Além do *A Lanterna*, os membros do CSCT também mantiveram contato com a equipe editorial do *A Voz do Trabalhador*, porta-voz da *Confederação Operária Brasileira* (COB), publicado no Rio de Janeiro. Desta forma, por algumas edições na primeira metade de 1913, os redatores do periódico incluíram o CSCT na coluna “Locais Operários”, onde eram divulgados os endereços de organizações trabalhistas de orientação sindicalista espalhadas pelo Brasil, indicando a caixa postal 342 para o envio de correspondências para a organização belenense.⁷ Entre parênteses, foi destacado que a organização paraense “ainda não [era] confederada”, com o “ainda” indicando que, muito provavelmente, elas tinham intenção de fazê-lo.

Não se tem documentação da atuação dos militantes da CSCT nos meses seguintes, mas é a partir da imaginação histórica é possível sugerir que nesse período eles fizeram um intenso esforço de propaganda entre os trabalhadores belenenses, conversando com estes a caminho ou na volta dos locais de trabalho, nos intervalos entre os turnos das jornadas laborais ou em espaços de sociabilidade, tais como cafés, bares e restaurantes espalhados pela cidade, tentando convencê-los dos seus pontos de vistas, objetivos e táticas.

Tal atividade parece ter surtido efeito, já que no início do ano seguinte foram criadas várias organizações operárias de tendência sindicalista revolucionária, geralmente denominadas de *União*, tais como a *União dos Operários Sapateiros*⁸, a *União dos Manipuladores de Pão*⁹, a *União dos Chauffeurs*¹⁰ e a *União dos Artistas Alfaiates*.¹¹ Alguns dos nomes identificados como membros da CSCT podem ser encontrados nas comissões executivas delas, como Eduardo Guerra, apontado como 2º secretário da *União dos Operários Sapateiros*¹² e Francisco Ferreira, tesoureiro da *União dos Choferes*.

⁶ O abaixo assinado contou com o apoio de Eduardo Guerra, Francisco Ferreira, José Bento Loureiro, José Pereira, Maria Guerra, Manuel Ganibarnes, M. Torela, José Fernandez, Antonino Dominguez, José Conde, Manuel Salgado, Júlio Bavarro, Adolfo Ferron, Horácio da Silva, Antônio Vicente, Abel Soares, Arnaldo Almeida e Arthur Augusto Aguiar. “Vida Operária”. *A Lanterna*, São Paulo. n° 152, 17 ago. 1912, p. 3.

⁷ A última referência ao CSCT no jornal carioca foi em: “Locais operários”. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. n.º 29, 15 abr. 1913, p. 4.

⁸ “Estatutos da União dos Operários Sapateiros”. *Diário Oficial*, Belém, n° 6.300, 30 abr. 1913, p. 231- 232.

⁹ “Estatutos da União dos Manipuladores de Pão”. *Diário Oficial*, Belém, n° 6.312, 16 maio 1913, p. 326-327.

¹⁰ “Estatutos da União dos Chauffeurs”. *Diário Oficial*, Belém, n° 6.326, 1º de jun. 1913, p. 432.

¹¹ Os estatutos da *União dos Alfaiates* não foram encontrados, mas por meio da imprensa foi possível acompanhar parte do seu processo de organização. Entre junho e agosto daquele ano, foram publicadas na coluna “Vida Operária” do periódico *Estado do Pará* vários convites para a reunião desta associação. O mais antigo foi em: “Vida Operária”. *Estado do Pará*, Belém. n° 795, 13 jun. 1913, p. 3.

¹² Provavelmente é o mesmo José Eduardo da Silva Guerra indicado nos estatutos. Não foi encontrado outro militante com este nome na documentação.

Não foram encontrados outros registros acerca do CSCT nos meses seguintes, indicando que teve uma vida efêmera. No entanto, as sementes parecem ter caído em solo fértil e florescido, já que seu objetivo proposto foi alcançado com o surgimento das diversas *uniões* sindicalistas revolucionárias. Na segunda metade de 1913, foi dado mais um passo na organização sindicalista com o surgimento da *Federação Operária de Belém* (FOB), que congregou as *uniões* fundadas nos meses anteriores. A FOB começou a ser articulada em meados de 1913, quando a grande imprensa passou a publicar esporadicamente convites às organizações trabalhistas de Belém para reuniões de articulação, realizadas no *Centro Galaico*, atribuindo a João Gonçalves Demoniz o papel de organizador.¹³

Após cerca de um mês de reuniões e propaganda, ocorreu no dia 14 de agosto de 1913 a sessão formal de instalação da FOB, que contou com 24 delegados de oito organizações classistas. Na ocasião, foi estabelecida a adesão moral e material ao II Congresso Operário Brasileiro (II COB), que se realizaria brevemente no Rio de Janeiro.¹⁴ Em setembro, a FOB inaugurou sua sede social na avenida Frutuoso Guimarães, n.º 128.¹⁵ Em seu breve período de existência, a entidade fez publicar o periódico *A Voz do Operário*¹⁶ e fundou a *Escola Operária 13 de Outubro*, baseada na pedagogia racionalista do educador catalão Francisco Ferrer y Guardia.

Apesar do início promissor e ativo, a FOB desapareceu ainda no mesmo semestre em que foi instalada. O motivo de sua desarticulação, muito provavelmente, está atrelado ao seu organizador, João Gonçalves Demoniz; ou melhor: João Gonçalves Monica. Em seu estudo sobre os trabalhadores marítimos amazônicos, Caio G. Paião expôs uma parte da trajetória de Monica: provavelmente um imigrante português, já atuava no meio operário da cidade do Rio de Janeiro por volta de 1903, ocupando o cargo de empregado público dos Correios e participando de greves, jornais operários e associações classistas dos estivadores e marítimos dos portos cariocas. Acusado de fraude no início

¹³ “Vida Operária”. *Estado do Pará*, Belém. n.º 818, 8 jul. 1913, p. 3; “Vida Operária”. *Estado do Pará*, Belém. n.º 854, 13 ago. 1913, p. 2.

¹⁴ Os delegados de cada organização foram respectivamente: Manoel Salgado Suarez, Antonino Domingues e Antônio Mandelstão pela *União dos Operários Sapateiros*; Manoel Joaquim Ferreira, Antônio da Costa Carvalho e Humberto Martins Simões pela *União dos Vendedores Ambulantes*; Joaquim Dias Pinto, Alberta Henriques [não foi possível averiguar se realmente se tratava de um mulher ou se foi erro tipográfico] e Joaquim Ribeiro dos Santos pela *União dos Manipuladores de Pão*; Cláudio Santos, Abel Soares Nogueira e Ayres Augusto Azevedo pela *União dos Artistas Alfaiates*; Manoel João Marques, Antônio João Marques e Antônio Teixeira pela *União dos Carregadores*; Maria Ernestina Ferreira e Domingas Maria da Conceição pela *União das Cozinheiras*; João Gonçalves Demoniz, Fernandes da Silva Nunes e Humberto Simões pela *União de Ofícios Vários*; e, por fim, José Ribeiro da Fonseca, Arthur Augusto de Aguiar e Francisco Ferreira pela *União dos Chauffeurs*. Ver: “Vida Operária”. *Estado do Pará*, Belém. n.º 863, 22 ago. 1913, p. 2.

¹⁵ “Vida Operária”. *Estado do Pará*, Belém. n.º 891, 19 set. 1913, p. 2.

¹⁶ Não foram encontrados exemplares, apenas referências em outros periódicos. Ver: *Estado do Pará*, Belém. n.º 883, 11 de setembro de 1913, p. 4; *Estado do Pará*, Belém. n.º 891, 19 de setembro de 1913, p. 3.

de 1913 (supostamente, teria embolsado os recursos financeiros de uma organização operária na capital da República), se autoexilou no Pará, onde passou a atuar no meio dos trabalhadores locais fundando sociedades operárias e arrecadando dinheiro, posteriormente se transferindo para Manaus (Paião 2022, 227-231).

Em uma moção enviada pela *União dos Operários Sapateiros*, de Belém, aos redatores do periódico anarquista *A Luta Social*, de Manaus, os paraenses informaram seus companheiros manauaras que Demoniz teria arrecadado 50\$000 entre o operariado paraense para o II COB, mas o dinheiro não chegou ao seu destino e Monica se transferiu para a capital amazonense.¹⁷ O golpe de Monica nas sociedades paraenses provavelmente abalou o prestígio que os anarquistas vinham construindo entre os trabalhadores de Belém e desmobilizou momentaneamente o processo de organização classista que se verificava na cidade, o que deve ter colaborado para o desaparecimento da FOB ainda no final do mesmo ano.

Os redatores do *A Lanterna*, sempre a par do que ocorria na capital nortista devido à troca de correspondência que mantinham com os núcleos militantes de lá, fizeram um balanço positivo da organização operária daquela cidade, onde pode-se ler que:

Ultimamente manifestou-se um animado movimento em favor da organização genuinamente de trabalhadores, formando-se diversos sindicatos, que se reuniram depois na Federação Operária. Infelizmente, porém, nessa organização, meteu-se um indivíduo de grande atividade, mas de fracos escrúpulos, que se pôs a tentar arrastar os trabalhadores para o terreno da politicagem. Contra esses manejos mistificadores começaram logo a trabalhar os bons companheiros, que continuaram a organizar as classes ainda desunidas e a influir no seio das outras para desfazer a obra deletéria do aludido indivíduo, cuja ação no meio operário do Rio é alvo de merecidas censuras. (“Mundo Operário”. *A Lanterna*, São Paulo. n.º 232, 28 de fevereiro de 1914, p. 3)

Apesar de sua efemeridade, a FOB deixou um saldo organizativo que foi imediatamente aproveitado pelos trabalhadores e militantes anarquistas de Belém. Desta forma, já em 11 de janeiro de 1914 foi oficialmente instalada a *União Geral dos Trabalhadores* (UGT), substituta/sucessora da FOB. Na ocasião, estiveram presentes os delegados de sete associações operárias que aderiram.¹⁸ Algumas das organizações classistas que compuseram a FOB, como as dos sapateiros, dos carregadores e a dos vendedores ambulantes, também integraram a UGT, inclusive enviando como

¹⁷ “Ao operariado amazonense”. *A Luta Social*, Manaus. Suplemento ao n.º 1, 27 fev.1914, p. 1.

¹⁸ Respectivamente: Domingos P. Maia e Antônio das Neves pelo *Sindicato dos Pedreiros*; José Pereira da Rocha e Manoel Côrrea Martins pelo *Sindicato dos Carpinteiros*; Silvestre Costa e João dos Santos Ronda pelo *Sindicato dos Pintores*; Joaquim Augusto Monteiro, José Maria da Costa e Antônio da Costa Carvalho pelo *Sindicato dos Vendedores Ambulantes*; Manoel Pereira Bastos e João P. Pinho Fragoso pelo *Sindicato dos Carroceiros*; Júlio Clemente dos Santos e Antonino Domingues pelo *Sindicato dos Sapateiros*; e Antônio Marques e Abílio Pedro Delgado pelo *Sindicato dos Carregadores*. A ata de fundação da UGT foi integralmente reproduzida em um periódico comemorativo do seu quarto aniversário. Ver: “No Estado do Pará”. *Onze de Janeiro*, Belém. Edição única, 11 jan. 1918, p. 1-2.

delegados alguns dos mesmos indivíduos que representaram a categoria na federação anterior (Antônio da Costa Carvalho pelos vendedores ambulantes, Antonino Domingues pelos sapateiros, Antônio Marques pelos carregadores), que por sua vez também haviam pertencido à CSCT. A União Geral dos Trabalhadores foi reforçada pelas organizações de categorias de operários do ramo de construção civil (pedreiros, carpinteiros e pintores) e dos carroceiros.

Conforme assinalado por Adriano C. de Oliveira, a UGT “hegemonizou a mobilização operária no estado nos anos de 1914 a 1918” (Oliveira 2019, 49). Já no primeiro semestre de 1914, Belém foi sacudida por uma série de greves empreendidas por categorias ligadas a ela. O *Sindicato dos Estivadores* levou ao cabo seu primeiro movimento paredista poucos dias após a sua fundação, em janeiro, protestando contra o rebaixamento dos salários. Os sapateiros iniciaram um movimento grevista particularmente longo em 16 de fevereiro, reivindicando aos proprietários das sapatarias o aumento no vencimento das peças produzidas e a regulamentação das jornadas de trabalho. Os estivadores pararam novamente em março, pela redução e regulamentação das horas de trabalho. Os carroceiros paralisaram seus serviços em nove de abril, reivindicando o aumento no preço dos carretos e em solidariedade aos seus companheiros sapateiros. Foi articulada a solidariedade dos horteleiros aos sapateiros e carroceiros. Os trabalhadores do ramo da construção civil iniciaram uma tentativa de greve geral em maio de 1914, reivindicando a jornada de oito horas diárias, recebendo o apoio de sapateiros, carroceiros e cigarreiros (Fontes 2002, 246-280).

A reação às atividades da UGT foi rápida e a repressão se abateu fortemente sobre ela. Ainda no dia oito de abril, sua sede foi invadida, vasculhada e depredada pela polícia, com algumas dezenas – a historiadora Edilza Fontes estimou entre 60 e 80 – de trabalhadores que se encontravam em assembleia foram detidos e encaminhados para a chefatura. Já na repressão a greve de maio de 1914, a sede da UGT foi novamente invadida e depredada pela polícia e cinco de suas lideranças mais expressivas – Antônio da Costa Carvalho, Antonino Domingues, Manoel Bastos, Manoel Martins e Gentil da Cunha Santos – todos de origem portuguesa ou espanhola, foram expulsos do país, acusados de serem agitadores estrangeiros e responsabilizados pelas greves que então se verificavam na capital amazônica (Fontes 2002, 246-280).

Apesar desta onda de repressão, a UGT não deixou de existir, continuando a atuar no operariado paraense pelos anos seguintes. Ainda em 1914, estourou a Grande Guerra, o que paralisou em um primeiro momento o movimento operário em outros países: a Segunda Internacional acabou capitulando, visto a aprovação dos partidos socialistas que a compunham aos créditos de guerra de seus respectivos países e a onda de sentimento nacionalista que tomou parte significativa dos trabalhadores europeus, que imaginavam que se trataria de uma guerra rápida e que lhes trariam

benefícios. Na região amazônica, a guerra contribuiu para o recrudescimento da crise econômica iniciada com a queda do preço da borracha, o que, aliado a repressão política, confluiu para um refluxo das manifestações operárias em Belém nos anos seguintes.

No entanto, próximo ao fim da Guerra, Belém voltaria a ser palco de grandes manifestações operárias, com a coordenação, ou pelo menos com o apoio, da UGT. O ano de 1918 foi particularmente intenso para a entidade e para o operariado paraense em geral, com a deflagração de várias greves de categorias específicas e pelo menos duas greves gerais. Em setembro, os trabalhadores empregados nas oficinas de reparação naval da *Port of Pará* em Val-de-Cães iniciaram um movimento paredista reivindicando aumento salarial, contando com o apoio da UGT que mediou as negociações e fez uma campanha de coleta e distribuição de alimentos aos paredistas, culminando com a vitória dos grevistas. No final do mesmo mês, as costureiras da fábrica de roupas *Aliança* também entabularam seu movimento, que contou com o apoio de mediação de uma comissão da UGT, não tendo tanta sorte quanto os anteriores. Os motoristas e condutores de bondes da *Pará Electric* também se lançaram à luta, reivindicando aumento salarial, sendo prontamente apoiados pelos sindicatos ligados à UGT, praticamente paralisando Belém em meados de outubro, o que acabou contribuindo para o desenrolar favorável aos trabalhadores (Braga 2023a; Oliveira 2013).

Na virada de novembro para dezembro, a UGT convocou outra greve geral, desta vez em protesto contra o fechamento de sua congênera e homônima carioca, encerrada pela polícia no bojo da repressão à tentativa de insurreição libertária ocorrida na então capital federal. Esse evento acabou catalisando o encerramento da UGT paraense. As autoridades policiais invadiram (novamente) sua sede e, em busca das lideranças, constataram que a organização

(...) não possuía estatutos, nem sequer diretoria, portanto, não era sociedade “organizada”. Essa central sindical constituía na verdade um conjunto de sindicatos associados, tendo cada qual o seu estatuto e regulamento próprios. Desse modo, os sindicatos tinham sua documentação legal, porém a União dos Trabalhadores, que presidia todos eles, não tinha o seu estatuto e a sua diretoria (Oliveira 2013, 101).

A ausência de estatutos e diretoria formais justificou o encerramento da organização que hegemonizou as manifestações operárias em Belém nos quatro anos anteriores. Isso não significou, no entanto, o fim da influência do anarquismo e do sindicalismo revolucionário entre os trabalhadores da capital amazônica.

Poucas semanas após o fechamento da UGT, precisamente no dia 11 de janeiro de 1919, não por acaso na mesma data da fundação daquela (demonstrando relação de sentido de continuidade entre ambas), foi instalada formalmente a *Federação das Classes Trabalhadoras do Pará* (FCT), onde os sindicatos anteriormente ligados à UGT se reorganizaram. Além da data de fundação, as duas

federações possuíam brasões muito parecidos: o periódico libertário paulistano *A Plebe*, noticiando as manifestações do 1º de maio organizadas pela FCT em 1927, informou que a frente do cortejo ia “(...) o pavilhão rubro-negro da Federação, com o Globo ao centro ostentando o emblema da união, circulado pelas palavras ‘Bem-estar e Liberdade’”¹⁹, mesmo símbolo adotado pela UGT conforme pode ser visualizado na imagem I.

Imagem 1: Brasão da UGT



Fonte: Marca de carimbo na cópia digitalizado do *Jornal do Povo*, disponível em: <https://sistemas.unesp.br/cedem/publico/material.pesquisar.action> consultado em 26 maio 2024.

A nova federação estabeleceu seus estatutos de forma escrita, “confeccionados de acordo com a doutrina disseminada pelos 1º e 2º Congressos Operários Brasileiros”.²⁰ Seu artigo 25, que vedava o uso do nome da FCT em manifestações políticas e religiosas, bem como o 29, que garantia inteira autonomia às associações filiadas, são traços que confirmam sua orientação sindicalista revolucionária. Seu 1º artigo estabelecia que a *Federação* seria formada por três membros delegados de cada agremiação operária federada, outra semelhança tanto com a FOB quanto com a UGT.

A FCT esteve em atividade ao longo de toda a década seguinte, se envolvendo em atividades como a organização das comemorações do 1º de maio, a publicação de um periódico como seu portavoz – o *A Voz do Trabalhador* –, a manutenção da *Escola de Educação Racional Francisco Ferrer*, bem como a organização de manifestações culturais e o envio de delegados ao III Congresso Operário Brasileiro (III COB), ocorrido em 1920 no Rio de Janeiro. Ainda no ano de sua fundação, ela tentou entabular uma nova greve geral, envolvendo várias categorias, iniciada no 1º de maio e reivindicando do estabelecimento da jornada de 8 horas de trabalho. Apesar da persistência em manter a parede por

¹⁹ “Do Pará Proletário”. *A Plebe*, São Paulo. n° 254, 25 jun. 1927, p. 2.

²⁰ “Estatutos da Federação da Classe Trabalhadora”. *O Semeador*, Belém. n° 10, 26 jul. 1919, p. 2.

mais de três semanas, o sucesso obtido na greve dos motoristas e condutores no ano anterior acabou não se repetindo (Braga 2023a, passim).

Foi justamente nesta conjuntura logo após as grandes greves gerais de 1918 e 1919 que os anarquistas conseguiram exercer maior influência entre o operariado de Belém ao longo da *Primeira República*, como pode ser constatado pela fundação de diversas organizações sindicalistas revolucionárias e a filiação destas à FCT. No esforço de representar essa difusão, foi elaborado o Quadro I, que organiza as informações encontradas acerca das organizações filiadas à cada federação sindicalista revolucionária em alguns momentos entre 1913 e 1928.

Nos anos finais da década de 1910, além das categorias onde a influência libertária já havia sido consolidada, ou pelo menos se expressado, nos anos anteriores – como entre os sapateiros, alfaiates, choferes, padeiros, trabalhadores da construção civil – eles chegaram a ter penetração em categorias até então alheias e refratárias aos seus ideais, como entre os barbeiros, os açougueiros e empregados nos setores de comércio e de serviços, como pode ser constatado a partir da organização e atuação de entidades como a *União dos Empregados no Comércio do Pará*, a *União dos Empregados em Hotéis e Restaurantes*, o *Sindicato dos Empregados de Farmácia*, a *União dos Açougueiros e Classes Anexas* e o *Sindicato dos Barbeiros e Cabelereiros do Pará* (posteriormente renomeado como *Resistência dos Oficiais de Barbeiro do Pará*), todas federadas à FCT.

Parcelas dos açougueiros e empregados de hotéis e restaurantes formaram suas respectivas organizações classistas durante e/ou logo após a greve geral de maio de 1919. Os empregados em hotéis, botequins e restaurantes aderiram à greve geral convocada pela FCT, reivindicando aumentos salariais, a execução de legislação estadual acerca do descanso semanal, a jornada de 12 horas de trabalho e o *closed shop*.²¹ Já os açougueiros iniciaram uma “greve paralela” à greve iniciado pela FCT, reivindicando aos marchantes aumentos de 3 a 6% em suas comissões.²²

Quadro I: organizações operárias ligados às federações sindicalistas revolucionárias em Belém do Pará (1913-1928)

Federação:	Federação Operária de Belém (FOB)	União Geral dos Trabalhadores (UGT)	União Geral dos Trabalhadores (UGT)	Federação das Classes Trabalhadoras do Pará (FCT)	Federação das Classes Trabalhadoras do Pará (FCT)	Federação das Classes Trabalhadoras do Pará (FCT)

²¹ “Operários em greve”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2920, 12 maio. 1919, p. 1;

²² Acerca da participação dessas duas categorias na greve geral, ver: “Operários em greve”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2921, 13 maio. 1919, p. 2; “Operários em greve”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2922, 14 maio. 1919, p. 1; “Operários em greve”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2923, 15 maio. 1919, p. 2; “Operários em greve”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2926, 18 maio 1919, p. 1.

Ano:	1913 ²³	1914 ²⁴	1918 ²⁵	1919-1920 ²⁶	1922 ²⁷	1928 ²⁸
Sindicatos ligados:	<ul style="list-style-type: none"> - União dos Operários Sapateiros - União dos Chauffeurs - União dos Manipuladores de Pão - União dos Artistas Alfaiates - União dos Vendedores Ambulantes - União dos Carregadores - União das Cozinheiras - União dos Ofícios Vários 	<ul style="list-style-type: none"> - União dos Operários Sapateiros - União dos Pedreiros - União dos Carpinteiros - União dos Pintores - União dos Vendedores Ambulantes - União dos Carregadores - União dos Carroceiros 	<ul style="list-style-type: none"> - União dos Operários Sapateiros - Federação das Classes da Construção Civil - União dos Chauffeurs - Federação dos Mecânicos e Metalúrgicos - União dos Carpinteiros Navais e Calafates Navais do Pará - Sindicato dos Marceneiros e Artes Correlativas - Sindicato dos Ofícios Vários 	<ul style="list-style-type: none"> - União dos Operários Sapateiros - Federação das Classes da Construção Civil - União dos Chauffeurs - União dos Manipuladores de Pão União dos Carpinteiros e Calafates Navais do Pará - Federação dos Mecânicos e Metalúrgicos - União dos Marceneiros e Artes Correlativas - Sindicato dos Artistas Alfaiates e Costureiras - União dos Empregados no Comércio do Pará 	<ul style="list-style-type: none"> - União dos Operários Sapateiros - Federação das Classes da Construção Civil - União dos Chauffeurs - União dos Manipuladores de Pão - União dos Carpinteiros Navais 	<ul style="list-style-type: none"> - União dos Operários Sapateiros - União dos Operários em Construção Civil - Centro Internacional dos Motoristas do Pará - União dos Manipuladores de Pão - União Internacional dos Carreiros do Pará - Sindicato de Ofícios Vários

²³ Estas foram as organizações que enviaram delegados para compor a FOB. Ver: “Vida Operária”. *Estado do Pará*, Belém. nº 863, 22 ago. 1913, p. 2.

²⁴ Foram as organizações que enviaram delegados para compor a UGT na ocasião de sua fundação, conforme a ata reproduzida em: “No Estado do Pará”. *Onze de Janeiro*, Belém. Edição única, 11 jan. 1918, p. 1-2.

²⁵ Essas são as organizações que aparecem na coluna “União Geral dos Trabalhadores”, onde eram divulgados os endereços das organizações ligadas à UGT, publicado entre os números preservados do *Jornal do Povo*, do 16 ao 22, publicados entre 17 de agosto e 21 de setembro de 1918.

²⁶ Organizações que apareceram na coluna “Vyda Sindical”, do periódico *O Semeador* (1919-1920), bem como na coluna “Movimento sindical”, do *A Voz do Trabalhador* (1920), onde eram divulgadas as datas de reuniões e os endereços das organizações operárias filiadas à FCT.

²⁷ “Associações de Belém do Pará”. *A Plebe*, São Paulo. nº 192, 7 out. 1922, p. 2.

²⁸ Organizações cujos delegados foram empossados como representantes na FCT, na ocasião do 1º de maio de 1928. Ver: “O 1º de Maio em Belém”. *O Motorista*, Belém. nº 2, jun. 1928, p. 1-2.

				<ul style="list-style-type: none"> - Sindicato dos Trabalhadores da <i>Port of Pará</i> - União dos Empregados em Hotéis e Restaurantes - Sindicato dos Caldeireiros de Ferro - Liga de Resistência das Operárias do Pará - Grupo Os Semeadores - Sindicato dos Empregados de Farmácia - Sindicato dos Barbeiros e Cabelereiros do Pará/Resistência dos Oficiais de Barbeiro do Pará - União dos Açougueiros e Classes Anexas - União dos Eletricistas - Sindicato dos Ofícios Vários 		
--	--	--	--	---	--	--

Fonte: organizado pelo autor com base nas fontes indicadas para cada ano.

É significativo que as organizações dessas categorias passassem a aparecer nas edições semanais dos jornais ligados aos grupos anarquistas e entidades sindicalistas revolucionárias, já que esses periódicos davam publicidade apenas às organizações que possuíam afinidade ideológica e política com os grupos redatores dos periódicos.²⁹ Além de figurarem nas colunas *Vida Sindical* e

²⁹ No mesmo momento em que estes jornais estavam sendo publicados, os trabalhadores marítimos de Belém desenvolviam um pujante movimento associativo. No entanto, seria em vão buscar em suas páginas informações acerca deste setor do operariado belense, já que as referências as suas associações são muito raras e invariavelmente críticas.

Movimento Sindical, onde eram divulgados os endereços das sedes das organizações classistas ligadas à FCT e as datas e horários de suas respectivas reuniões, os redatores também dedicaram alguns artigos, matérias e anúncios específicos ao seu universo associativo, o que torna esta conjuntura privilegiada, já que é possível fazer o acompanhamento quase semanal das entidades sindicalistas, permitindo o vislumbre de uma característica marcante de suas trajetórias: a efemeridade delas.

A *União dos Empregados no Comércio do Pará* (UECP), por exemplo, foi uma tentativa dos militantes libertários de deitarem raízes em uma categoria cujas organizações formais tradicionalmente atuavam a partir de outras estratégias, adotando táticas reformistas e colaboracionistas, buscando a intermediação de autoridades e pessoas externas à classe em seus conflitos com os patrões (Popinigis 2007). A UECP teve uma trajetória curta e já no ano seguinte à sua fundação foi lançado um apelo aos seus antigos associados para que se reunissem no ato de fundação da *Aliança dos Empregados no Comércio e Indústria do Pará*, que a sucederia.³⁰

Já *Liga de Resistência das Operárias do Pará* foi fundada no final de abril de 1919, pouco antes da greve geral, pretendendo congregar as operárias fabris, aparecendo nas colunas do *O Semeador* até novembro daquele ano, desaparecendo inexplicavelmente após essa data, indicando que provavelmente se desagregou nesse meio tempo (Braga 2023a, 115-116). Tal efemeridade pode ser apenas vislumbrada em momentos anteriores: em meados de 1914, em uma das notícias do portavoz da COB sobre o Pará, é mencionada a *Federação das Classes Domésticas*, “com pouco tempo de fundação” e filiada à UGT.³¹ Não foram encontradas quaisquer outras referências a essa organização.

Por vezes, as organizações desapareciam e reapareciam depois de alguns meses ou anos: em outubro de 1919, os redatores do *O Semeador* anunciaram uma sessão do *Sindicato dos Artistas Alfaiates e Costureiras* em que se comemoraria um ano de sua reorganização.³² Já na edição especial do *A Voz do Trabalhador* de 1924, foi informado que a *União dos Chauffeurs* havia se “esfacelado” em algum momento do início da década de 1920, sendo reorganizada dois anos mais tarde.³³ O mesmo parece ter ocorrido com a *União dos Manipuladores de Pão*, cujas referências são espaçadas.

Apenas duas organizações sindicalistas demonstraram uma relativa estabilidade: a *União dos Operários Sapateiros* e a *Federação das Classes da Construção Civil* (que congregava os

Isso se deve, em grande medida, ao fato que as associações marítimas optaram por atuar utilizando outras estratégias e táticas, aceitando a mediação e a colaboração com autoridades políticas e inclusive flertando com o nacionalismo.

³⁰ “Aos empregados no comércio e indústria”. *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 6, 5 jun. 1920, p. 3.

³¹ “No Pará”. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. nº 59, 20 jul. 1914, p. 3.

³² “Movimento operário”. *O Semeador*, Belém. nº 23, 25 out. 1919, p. 3.

³³ “Desmascarando um cínico”. *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 25, 1º de maio de 1924, p. 2; 4.

sindicatos de pedreiros, carpinteiros e pintores), tendo sido encontradas referências a elas ao longo de todo o período analisado. Essas duas organizações se configuraram nas principais bases de sustentação tanto da UGT quanto da FCT ao longo da segunda metade da década de 1910 e de toda a década de 1920.

Já no que tange à década de 1920, as fontes são bem mais escassas devido ao desaparecimento ou a não preservação dos jornais operários que circulavam em Belém nesse período. O movimento como um todo parece ter entrado em refluxo, devido tanto à crise econômica pela qual a cidade passava por conta da queda do preço da borracha, quanto pela repressão política desencadeada pelo governo federal com o intuito de reprimir as revoltas tenentistas, mas cujos efeitos acabaram resvalando sobre o movimento operário com a proibição de manifestações públicas e as restrições a circulação de jornais, já que o estado de sítio foi decretado várias vezes entre 1922 e 1926.

Com efeito, ao longo da década de 1920, os sucessivos governadores do estado do Pará se gabavam em seus relatórios anuais de não terem sido registradas greves expressivas em seus períodos de governo.³⁴ Soma-se a isso as evidências do fluxo migratório de militantes anarquistas de Belém para outras cidades, como Recife e Rio de Janeiro, no final da década de 1910, devido a fatores econômicos ou políticos (Braga 2023b), o que privou o movimento anarquista belenense de alguns dos seus mais ativos militantes.

A FCT, no entanto, esteve ativa ao longo de todo esse período: em 1921 e 1924, lançou números especiais do *A Voz do Trabalhador* – que havia deixado de circular regularmente em 1920 – em referência respectivamente ao assassinato do pedagogo catalão Francisco Ferrer y Guardia e ao 1º de maio. Em um levantamento exposto pelo *A Plebe* em 1922, constam apenas cinco organizações ligadas à FCT: a dos sapateiros, dos trabalhadores na construção civil, dos choferes, dos manipuladores de pão e dos carpinteiros navais³⁵, indicando uma sensível retração de sua influência entre os trabalhadores belenenses já naquele momento. Em 1925, é possível detectar o contato de militantes da FCT com fugitivos da colônia penal de Clevelândia, em Oiapoque, bem como a troca de correspondência e o recebimento de periódicos dos núcleos libertários do Rio Grande do Sul.³⁶

Em 1927, provavelmente em uma das primeiras manifestações públicas após o fim do estado de sítio, ela organizou as atividades do dia do trabalhador, contando com a participação da *União dos*

³⁴ CASTRO, Antônio Emiliano de Souza. *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo*. Belém: 1922. p.52; BENTES, Dyonisio Ausier. *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo*. Belém: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1928. p.166; VALLE, Eurico de Freitas. *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo*. Belém: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1929. p.138.

³⁵ “Associações de Belém do Pará”. *A Plebe*, São Paulo. nº 192, 7 out. 1922, p. 2.

³⁶ Passos, Domingos. “Camaradas do Rio Grande do Sul”. *O Syndicalista*, Porto Alegre. nº 2, 1º maio 1926, p. 3.

Chauffeurs, da *União dos Carroceiros*, da *União dos Manipuladores de Pão*, da *União dos Operários em Construção Civil*, do *Sindicato dos Estivadores* e do *Sindicato de Ofícios Vários*, que levaram seus respectivos pavilhões e estandartes.³⁷ Exceto pelo *Sindicato dos Estivadores* e com a inclusão da *União dos Sapateiros*, as organizações dessas mesmas categorias³⁸ enviaram delegados para representa-las junto a FCT na ocasião do 1º de maio do ano seguinte (ver quadro I). Nesse mesmo ano, a *Federação* belenense se fez representar no *IV Congresso Operário do Rio Grande do Sul*, que reuniu as organizações libertárias do estado sulino (Loner 2011, 196).

Comparando os dados da conjuntura de 1919 a 1920 com a situação apresentada no 1º de maio de 1928, e novamente utilizando a imaginação histórica controlada pela análise do contexto, pode-se sugerir que nesse intervalo ocorreu um processo de desorganização e extinção das entidades sindicalistas revolucionárias, indicando uma perda de influência dos libertários no operariado de Belém, embora os meandros desse processo não possam ser mais bem detalhados.

A FCT, no entanto, continuou atuando pelo menos no início da década de 1930, organizando a comemoração do 1º de maio e sessões de cinema; a última referência encontrada acerca dela foi a realização de um festival carnavalesco em 1932, organizada pela empresa Teixeira Martins & Cia, cujas rendas foram revestidas em favor da *Federação* (Da Luz Rodrigues 2019, 191-195). Não foi possível identificar quando ela deixou de existir, mas provavelmente foi encerrada na reforma sindical de Vargas em 1934 ou no bojo da repressão ao Levante de 1935.

A penetração das federações sindicalistas entre os trabalhadores de Belém

Esboçada essa linha do tempo das federações sindicalistas revolucionárias em Belém, uma questão que surge é: qual foi o grau de penetração delas entre o operariado de Belém ou qual o nível de adesão deste à essas organizações? Em outras palavras, quantos trabalhadores se mobilizavam ou se sentiam representados em torno delas?

Questões muito difíceis de serem respondidas, pois seus livros de atas, relatórios e registros de filiados não foram encontrados, provavelmente tendo sido destruídos em algum momento de repressão policial ou se deterioraram na casa de algum velho militante, sem encontrar uma instituição que os preservasse, impossibilitando dessa forma o uso de qualquer método quantitativo. O que subsiste são estimativas feitas pelos próprios testemunhos, divulgadas pelos jornais operários ou pelos

³⁷ Pelo menos foram essas as mencionadas pelo correspondente belenense do periódico paulistano *A Plebe*. Ver: “Do Pará Proletário”. *A Plebe*, São Paulo. n° 247, 25 jun. 1927, p. 2.

³⁸ A *União dos Chauffeurs* e *União dos Carroceiros*, citadas em 1927, provavelmente deram origem ou foram substituídas pelo *Centro Internacional dos Motoristas* e pelo *Centro Internacional dos Carreiros*, mencionadas no ano seguinte.

grandes jornais diários, acerca das adesões às greves, das presenças em assembleias e reuniões, em comícios ou outras manifestações públicas (e mesmo assim, não foram encontradas duas estimativas para o mesmo evento, impossibilitando a comparação). Com o intuito de discutir essa questão, a seguir serão expostas algumas estimativas encontradas, seguidas por comentários críticos acerca de suas plausibilidades, numa leitura qualitativa de estimativas numéricas.

Em um relatório enviado no início de 1914 aos – e publicado pelos – redatores do *A Voz do Trabalhador*, do Rio, por um correspondente paraense não identificado, foi exposto um balanço dos primeiros meses de atividade da UGT, estimando em cerca de 500 os associados aos sindicatos federados: 101 ao recém fundado *Sindicato dos Estivadores*, 60 à *União dos Vendedores Ambulantes*, 107 ao *Sindicato dos Carroceiros* e cerca de 250 à *Federação das Classes da Construção Civil*.³⁹ Números incompletos, já que não abrangeram todas as entidades ligadas à UGT, e provavelmente frutos das atividades anteriormente encetadas pela FOB.

Nos meses seguintes, com o intenso processo de mobilização levado a cabo pela entidade, o número de filiados nas associações federadas provavelmente cresceu. Em 8 de março daquele ano, a UGT organizou uma “velada social” com o objetivo de arrecadar fundos para os sapateiros que se encontravam em greve, contando com a participação de 1.500 pessoas, “trabalhadores e suas famílias”, segundo Antônio da Costa Carvalho em correspondência também remetida aos e publicada pelos redatores do *Voz do Trabalhador*.⁴⁰ Nem todos os presentes deviam ser necessariamente ligados à UGT, mas a própria presença deles no evento pode indicar pelo menos algum grau de simpatia.

Alguns semanas depois, em 8 de abril, quando a polícia invadiu a sede da UGT para pôr fim a uma assembleia da Federação da Construção Civil onde se discutia o apoio à greve dos carroceiros, “vão se retirando todos os operários, em número de mil e tantos, aos vivas ao sindicato dos carroceiros, à greve e ao operariado universal”.⁴¹ Já na ocasião do 1º de maio daquele ano, a sede da UGT recebeu um grande número de artistas e operários que, após as solenidades organizadas pela entidade, percorreram em passeata, em número de 800 pessoas – segundo o articulista do *Folha do Norte* que deu a cobertura às atividades – em direção ao cemitério de Santa Izabel (Oliveira 2019, 82). Após a repressão que se abateu aos movimentos encetados naquele ano, os militantes provavelmente se retraíram e a capacidade de mobilização da entidade diminuiu significativamente.

³⁹ “Brazil Operário”. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. nº 51-52, 1 de abril de 1914, p. 3-4.

⁴⁰ “Brazil Operário”. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. nº 53-54, 1º de maio de 1914, p. 4.

⁴¹ “Brazil Operário”. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. nº 56, 1 jun. 1914, p. 4

Alguns anos depois, já na nova onda de greves que pipocavam em Belém, os redatores do periódico anarquista belenense *Jornal do Povo* fizeram um balanço bastante positivo do momento operário, expondo que:

Neste mês [isto é, julho de 1918] já tivemos ocasião de assistirmos em uma noite de segunda-feira, na sede da União Geral dos Trabalhadores [rua Bailique, 49], a reunião em assembleia geral extraordinária, de quatro classes, sapateiros, marceneiros, maquinistas auxiliares e carpinteiros navais, estando presente cerca de 1500 operários, segundo seus livros de presenças”. (“O momento operário é o melhor que temos até hoje visto...”. *Jornal do Povo*, Belém. nº 16, 17 ago. 1918, p. 2)

Infelizmente, tais livros de presença não foram preservados ou encontrados, mas a estimativa apresentada pelos redatores do periódico libertário é parecida com outra feita por fontes diferentes: nos dias iniciais da greve dos trabalhadores das oficinas da *Port of Pará* de Val-de-Cães, ocorrida apenas algumas semanas após a aludida assembleia, “o subprefeito de polícia Homero da Fonseca esteve na sede da União Geral dos Trabalhadores, encontrando reunidos ali mais de mil homens” (Oliveira 2019, 101).

Os redatores do *Jornal do Povo* acompanharam e deram cobertura ao movimento dos paredista e na conclusão de um de seus artigos ameaçaram:

É preciso que o sr. Paiva [gerente da *Port of Pará*] saiba que ao lado desses 700 homens [em greve] estão aproximadamente cerca de 10.000 e se a greve ainda demorar mais 8 dias, terão 15.000, porque esta greve despertou o operariado do Pará e os irmanou pelo grande e nobre ideal de BEM-ESTAR E LIBERDADE. (“A greve de Val-de-Cães”. *Jornal do Povo*, Belém. 20, 11 set. 1918, p. 1)

Os cerca de dez mil operários referidos provavelmente eram os filiados e simpatizantes que as lideranças da UGT pensavam conseguir mobilizar. Não demoraria muito para que a entidade pudesse testar o máximo de sua força: algumas semanas depois, no auge da greve geral de outubro de 1918, em apoio aos motoristas e condutores da *Pará Eletric*, o articulista de um diário que noticiou o movimento escreveu que: “estão em greve mais de 7.000 operários, todos eles pertencentes à União Geral dos Trabalhadores”.⁴² Uma estimativa bastante surpreendente, tendo em vista a cobertura antipática que o periódico havia dado ao movimento até aquele momento.

O mesmo periódico ainda divulgou que quando a comissão que negociou com o então governador do estado, Lauro Nina Sodré, se dirigia à sede da UGT para informar o desfecho vitorioso da greve, “foi um momento de verdadeira ansiedade. Ainda o auto vinha ao longe e já a multidão ali estacionada, cerca de 3.000 pessoas, se açodava na ânsia de conhecer o resultado”.⁴³ Tendo em vista

⁴² “A greve dos motorneiros e conductores da Pará Eletric”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2713, 16 out. 1918, p. 1.

⁴³ “A greve dos motorneiros e conductores da Pará Eletric”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2714, 17 out. 1918, p. 1.

estes números, torna-se compreensível – não justificável – a repressão tão forte que se abateu sobre a UGT na greve geral do mês seguinte.

No 1º de maio de 1919, o *meeting* organizado pela FCT iniciou com a presença de cerca de 3.500 pessoas das 18 associações que lhe eram filiadas, não obstante o número de assistentes ter aumentado conforme a noite se aproximava, segundo o articulista do *O Semeador* que descreveu as atividades do dia.⁴⁴ As manifestações do 1º de maio são uma ocasião particularmente interessante para avaliar o grau de representação de uma entidade operária, tendo em vista a importância simbólica que data possuía para os trabalhadores.

No decorrer da greve geral daquele mês, os grevistas convocaram um *meeting* realizado na praça Baptista Campos, sendo atendido por cerca de 500 operários, segundo o articulista de um diário que o noticiou.⁴⁵ O número relativamente pequeno de aderentes, se a estimativa do articulista estiver correta, talvez se explique pelos fatos de que o *meeting* fora previamente proibido pela polícia, conforme informado pela própria matéria citada, e de ter sido realizado nos dias finais da greve, quando parte dos trabalhadores já estava voltando aos seus postos de trabalho. Algumas semanas antes, o mesmo periódico havia publicado que “calcula-se em perto de 2.000 os operários que se acham em parede”.⁴⁶

No ano seguinte, o caixeiro anarquista de origem portuguesa Fernando Nazaré usou do porta-voz da FCT para expressar sua preocupação com o movimento nacionalista, então em crescimento no Brasil, onde pode-se ler o seguinte trecho: “no Pará [os nacionalistas] vão mais longe – querem engolir dum trago os trabalhadores federados [à FCT] em número talvez de 20.000 que formam nossas 10 associações de Classe Syndicalistas (...)”.⁴⁷ Certamente uma estimativa bastante otimista, até mesmo surpreendente⁴⁸, não podendo ser tomada como expressão fiel da realidade. No entanto, tal otimismo é em parte compreensível pelo real crescimento de organizações federadas à FCT entre 1919 e 1920, conforme visto acima.

No primeiro semestre de 1920, a FCT convocou uma série de comícios de propaganda associativa e de protesto contra a carestia de vida, realizadas geralmente na praça da República e na praça Floriano Peixoto. Um articulista do *Estado do Pará* acompanhou um desses comícios e registrou suas impressões (antipáticas ao movimento) pelas páginas do periódico, estimando em

⁴⁴ “1º de maio”. *O Semeador*, Belém. nº 4, 21 de maio de 1919, p. 3.

⁴⁵ “Operários em greve”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2929, 21 maio 1919, p. 1.

⁴⁶ “Operários em greve”. *Estado do Pará*, Belém. nº 2915,7 maio 1919, p. 2.

⁴⁷ NAZARÉ, F. “Les petits heros”. *A Voz do Trabalhador*, Belém. 25 set. 1920, p. 2.

⁴⁸ Naquele mesmo ano, a população de Belém foi estimada em 236.402 habitantes pelo recenseamento geral. Se os números apresentados por Nazaré estivessem corretos, mais de 8% da população de Belém era filiada à FCT!

“cerca de duzentas ou mais pessoas” presentes no ato.⁴⁹ O periódico porta-voz da FCT noticiou (obviamente de forma bastante simpática) outro, ocorrido algumas semanas depois, afirmando que “*incluindo os representantes da polícia civil e militar*, estavam presentes cerca de oitocentas pessoas”⁵⁰ (grifos dos articulistas do jornal).

O mesmo jornal ainda noticiou a ocorrência de algumas assembleias ordinárias dos sindicatos ligados à FCT, por vezes expondo estimativas dos presentes. Dessa forma, numa assembleia conjunta de sapateiros e sandalheiros, ocorrida ainda em maio de 1920, os redatores calcularam a audiência em cerca de 400 pessoas.⁵¹ No mês seguinte, uma sessão da *Federação das Classes da Construção Civil* teria contado com a presença de 120 associados.⁵² Sapateiros e trabalhadores da construção civil foram duas das categorias mais ativas na conjuntura de 1917 a 1920 (Braga 2023a, 59-75), portanto assembleias com esses quantitativos talvez não fossem tão recorrentes em outras categorias profissionais. Na maioria das vezes, os articulistas dos periódicos operários utilizavam termos como “um número regular de sócios” para descrever a assistência das assembleias. No ano anterior, os redatores de *O Semeador* noticiaram a fundação do *Núcleo dos Empregados em Farmácia*, filiado à FCT, se referindo a assembleia de fundação como uma reunião de um “punhado de rapazes”.⁵³

Como já mencionado, as referências para a década de 1920 são bem mais escassas e imprecisas. Em 1º de janeiro de 1927, a FCT patrocinou uma “bela tarde de festa e propaganda libertária” para qual concorreram “muitas centenas de trabalhadores acompanhados de suas famílias”⁵⁴. Já nas manifestações do 1º de maio de 1928, o cortejo que se reuniu na sede da FCT reuniu “um número bem regular de trabalhadores” pela manhã ao passo que na sessão solene no Teatro da Paz, à noite, contou com “um número regular de assistentes, pois, a chuva impertinente continuava a prejudicar o brilhantismo das comemorações”.⁵⁵ Os termos imprecisos provavelmente mascararam números modestos.

Embora inexatas, não é exagero sugerir que as federações sindicalistas revolucionárias paraenses desse período, embora não mobilizassem a totalidade da classe trabalhadora belenense,

⁴⁹ “O ‘meeting’ de ante-hontem”. *Estado do Pará*, Belém, nº 3.263, 20 abr. 1920, p. 1.

⁵⁰ “Um grande comício”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, nº 4, 22 maio 1920, p. 3.

⁵¹ “Pelos sindicatos”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, nº 4, 22 maio 1920, p. 4.

⁵² “Pelos sindicatos”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, nº 7, 12 jun. 1920, p. 4.

⁵³ “Movimento operário”. *O Semeador*, Belém, nº 15, 30 ago. 1919, p. 3.

⁵⁴ “Mundo Operário”. *A Plebe*, São Paulo, nº 247, 12 mar. 1927, p. 4.

⁵⁵ “O 1º de Maio em Belém”. *O Motorista*, Belém, nº 2, jun. 1928, p. 1-2.

conseguiram engajar os trabalhadores na casa das centenas ou até mesmo de alguns milhares em suas greves, assembleias e manifestações públicas, sobretudo na conjuntura do final da década de 1910.

Para finalizar esse tópico, é importante salientar dois pontos: nem todos os trabalhadores que atendiam aos chamados e mobilizações das federações sindicalistas eram necessariamente militantes anarquistas convictos e, embora as federações sindicalistas tenham ganhado certo protagonismo nas manifestações classistas na década de 1910, parcelas expressivas do operariado belenense se mobilizavam em torno de organizações que optaram por outras táticas, evitando ações diretas e aceitando a intermediação de pessoas de fora da classe nos conflitos com os patrões, ou se focando exclusivamente em atividades beneficentes, culturais ou educacionais, a exemplo da já quase cinquentenária *Sociedade Beneficente Artística Paraense*⁵⁶, da *Liga Operária*⁵⁷, da *Associação dos Empregados no Comércio do Pará*⁵⁸ e da *Federação Marítima*.⁵⁹

Relações entre anarquismo e sindicalismo revolucionário no caso de Belém

A relação entre o anarquismo e o sindicalismo revolucionário tem sido tema de debates no interior da história do movimento operário brasileiro da Primeira República. Nos primeiros estudos acerca da temática, eles eram considerados como sinônimos, com o segundo por vezes sendo denominado como “anarcossindicalismo”.

Mais recentemente, alguns autores (Toledo 2004a; Viana 2020) demonstraram que, em suas origens, o sindicalismo revolucionário foi uma tendência política-ideológica autônoma, distinta tanto do anarquismo quanto do marxismo – mesmo que compartilhasse elementos de ambos – sendo caracterizado pela defesa da neutralidade política e ideológica no ambiente dos sindicatos; pela autonomia destes em relação ao Estado e aos partidos políticos; pela adoção do modelo federativo de organização; pela defesa da unidade dos trabalhadores a partir de seus interesses econômicos; pela rejeição da atuação política eleitoral em detrimento da ação direta, com a adoção de táticas como greves, sabotagens e boicotes; pela defesa do sindicato como organização da classe operária por

⁵⁶ Fundada em 1867, esteve em atividade ao longo de quase um século. Sobre seus anos iniciais, ver (Brandão, 2018).

⁵⁷ Sociedade pluriprofissional fundada em 1910, seus estatutos estabeleciam que suas ações seriam pautadas pelos “meios lícitos e convenientes”. Na greve geral de 1919, dirigida pela FCT, a *Liga* atuou na arregimentação de fura-greves para substituir os trabalhadores paredistas. Ver: Estatutos da Liga Operária, *Centro de Memória da Amazônia*, Caixa 1-B; cópia digitalizada disponível em: <https://www.cma.ufpa.br/Estatutos%20novo.pdf> consultado em 27 de maio de 2024; (Braga 2023a, 156).

⁵⁸ Fundada em 1905, “puramente beneficente”, em 1911, declarou possuir mais de 3.400 associados. *Almanak Laemmert*. Rio de Janeiro: oficinas tipográficas do Almanak Laemmert, 1911, p. 3280.

⁵⁹ Fundada em 1917, congregava os trabalhadores do setor de transportes navais e adotava perspectivas francamente conservadoras, servindo como base para a formação da *Liga Nacionalista do Pará*. Ver: (Braga 2023a, passim).

excelência – ao contrário do partido político, que nessa visão teria um caráter policlassista – e por considerar os sindicatos como a base da sociedade pós-revolucionária.

Edilene Toledo sustenta ainda que o movimento operário na São Paulo da Primeira República foi muito mais sindicalista revolucionário do que anarquista e na verdade muito mais sindicalista do que propriamente revolucionário: apesar do objetivo central ser a revolução social, na prática, as organizações sindicalistas revolucionárias concentravam a maior parte dos seus esforços em questões cotidianas e pontuais, como aumentos salariais, redução das jornadas laborais e melhorias nas condições de trabalho. Nesse sentido, militantes de diversas tendências políticas ideológicas atuaram nas organizações sindicalistas revolucionárias paulistanas, como demonstrado a partir da análise das trajetórias do socialista Alceste de Ambris, do anarquista Giulio Sorelli e de Edmondo Rossoni, que anos mais tarde iria aderir ao sindicalismo corporativista fascista (Toledo, 2004b).

Conforme E. P. Thompson, “nenhuma ideologia é inteiramente absorvida por seus partidários: na prática, ela multiplica-se de diversas maneiras, sob o julgamento dos impulsos e das experiências” (Thompson 1987, 278). O autor se referia a apropriação que os grupos radicais ingleses do início do século XIX fizeram da conservadora religião metodista, mas a consideração pode ser estendida ao sindicalismo revolucionário: apesar de ter surgido como uma corrente política específica, no Brasil ele acabou se expressando em uma íntima relação com o anarquismo. Conforme sintetizou Tiago Bernardon de Oliveira:

(...) embora possamos, de fato, verificar militantes ligados a correntes políticas distintas em entidades que se apresentavam como sindicalistas revolucionárias “puros”, entendo que, para o caso brasileiro, o sindicalismo revolucionário não se constituiu exatamente como uma corrente com um corpo teórico próprio, mas, antes de tudo, um conjunto de princípios que funcionariam como balizas para permitir à militância anarquista promover sua propaganda nos meios operários. Ou, dito de outra forma, a relevância do sindicalismo revolucionário no Brasil deveu-se ao movimento anarquista; e o movimento anarquista, por sua vez, teve no sindicalismo revolucionário o principal canal (ainda que não único) de difusão de suas ideias junto à classe operária brasileira, conferindo-lhe relevância como corrente política durante a Primeira República. Ao contrário de alguns países onde se tentava tratar as tensões entre correntes políticas no interior do movimento operário através do denominador comum sindicalismo revolucionário, no Brasil, assim como em diversas outras partes do mundo, havia uma simbiose entre o método de ação sindicalismo revolucionário e o movimento anarquista (Oliveira 2018, 217-218).

Alexandre Samis apontou numa direção parecida ao afirmar que o sindicalismo revolucionário foi o principal “vetor social” que permitiu aos anarquistas a inserção entre os trabalhadores em alguns dos principais centros urbanos brasileiros ao longo da Primeira República (Samis 2004, 132-147). As conclusões de Bernardon de Oliveira e Alexandre Samis podem ser estendidas para o caso específico de Belém: a maioria dos que apregoavam o sindicalismo revolucionário na capital amazônica nesse período foram anarquistas, inclusive pertencendo aos

grupos de afinidade libertários, não tendo sido encontrados, pelo menos até o momento, nenhum sindicalista revolucionário “puro” ou socialista de outra tendência que tenha se destacado pela defesa do sindicalismo revolucionário.

Essa ligação entre anarquismo e sindicalismo revolucionário em Belém pode ser demonstrado a partir da análise dos jornais operários dirigidos pelos grupos libertários que circularam na cidade nesse período e da composição das comissões executivas das federações sindicalistas revolucionárias belenenses.

Os jornais dos grupos libertários deram ampla cobertura às atividades das organizações sindicalistas revolucionárias, publicando notícias acerca delas e convites para suas assembleias, conforme espera-se que tenha sido demonstrado acima, já que eles foram amplamente citados. Também eram muito frequentes em suas páginas artigos e editoriais que estimulavam os trabalhadores a fundarem sindicatos de resistência: O tipógrafo Bruno de Menezes, em artigo com título bastante sugestivo, direcionado aos trabalhadores belenenses, qualificou o sindicalismo revolucionário como “a única arma para as suas reivindicações” e sua “real e pura educação”.⁶⁰ Honório Santos, em texto direcionado aos motoneiros e condutores de bondes, os estimulou a formarem um “sindicato de resistência”.⁶¹ O tipógrafo José da Silva Gama concitou seus leitores não apenas a buscarem as associações, como a fazer um trabalho de proselitismo e tentar convencer seus colegas a também se associarem.⁶²

Os três nomes citados foram reconhecidos militantes anarquistas e pelo menos Silva Gama e Honório Santos também atuaram no interior das organizações operárias: o primeiro assumiu o posto de 2º secretário da *Associação Tipográfica* em 1918 e o de secretário geral da *Associação das Artes Gráficas* em 1920, ao passo que o segundo foi o secretário de atas do *Sindicato dos Ofícios Vários* em 1920 e atuou como um dos organizados da *Aliança dos Empregados no Comércio e na Indústria do Pará* no mesmo ano (Braga 2023a, 171-173).

Não há espaço, na dimensão deste artigo, para fazer a citação e a análise exaustiva de todos os textos encontrados, mas cabe mencionar apenas mais um artigo como amostra: R. Oliveira (provavelmente Raimundo Oliveira, membro do grupo *Os Semeadores*), se utilizando do porta-voz da FCT, definiu o papel do sindicato de ofício como o de “(...) instruir os seus membros, a fim de

⁶⁰ De Menezes, Bruno. “Sejais sindicalistas”. *O Semeador*, Belém. n° 33, 3 jan. 1920, p. 1.

⁶¹ Santos, Honório. “Aos motoneiros e condutores”. *O Semeador*, Belém. n° 6, 28 jun. 1919, p. 2.

⁶² Gama, Silva. “Em torno das associações”. *O Semeador*, Belém. n° 43, 13 mar. 1920, p. 2.

torna-los aptos a assumirem mais tarde a direção das fábricas e oficinas nas diferentes industrias”, já que aos trabalhadores estaria confiada a missão de proclamar o “advento do comunismo anarquista”.⁶³

No que tange as comissões executivas das federações sindicais, os dados são fragmentários. Quanto a UGT, foram identificados apenas alguns dos seus secretários gerais em momentos específicos: Gentil da Cunha Santos ocupou o cargo na ocasião da greve dos trabalhadores das oficinas de reparação naval da *Port of Pará* em Val-de-Cães, em setembro de 1918 (Oliveira 2019, 96). Antonio Leite, operário do ramo da construção civil de origem portuguesa, assumiu o posto na ocasião da greve geral de novembro de 1918 em protesto contra o fechamento de sua congênere e homônima carioca (Oliveira 2013, 98-109-117). Gentil da Cunha foi um dos membros do grupo anarquista *Os Perseguidos*, enquanto Antônio Leite fez parte do grupo *Os Semeadores*.

Quanto a FCT, em outra ocasião já tivemos a oportunidade de anotar que sua primeira *comissão executiva*, eleita em 1919:

(...) foi composta por Benito Rodrigues como secretário geral, Tito Salgado como secretário de expediente, Júlio Clemente como secretário de atas, Antônio Leite como tesoureiro e Aurélio Pereira como bibliotecário; todos faziam ou fizeram parte dos grupos anarquistas: Benito Rodrigues, Antônio Leite e Aurelio Pereira constam na lista dos membros dos Semeadores, ao passo que Tito Salgado e Júlio Clemente fizeram parte do Aurora Libertária (Braga 2022a,17).

Tal comissão parece não ter completado intacta seu período previsto de gestão, já que em fevereiro de 1920 o militante João Plácido de Albuquerque assinou como secretário geral um comunicado da FCT.⁶⁴ Plácido fez parte tanto do grupo *Os Perseguidos* quanto do *Os Semeadores*.

Em 6 de maio de 1920, foram aclamados os membros para a nova *comissão executiva* que deveria dirigir a FCT pelo ano seguinte, sendo composta por Elias de Brito como secretário geral, Adalberto Barros dito de expediente, João Gonçalves dito de atas, José Clemente como Tesoureiro e Aurélio Pereira como bibliotecário.⁶⁵ Exceto por Adalberto Barros, todos os outros foram identificados como membros do grupo *Os Semeadores*.

Ainda em 1928, nomes de militantes anarquistas veteranos da década anterior aparecem como delegados de sindicatos ligados à FCT: Antônio Cesar de Azevedo pelo *Centro Internacional dos Motoristas do Pará* e Júlio Clemente pela *União dos Operários Sapateiros*, além de Benedicto Vianna, delegado da *União dos Operários em Construção Civil* e membro do grêmio cultural libertário *Centro de Estudos Sociais*.⁶⁶

⁶³ Oliveira, R. “O Sindicato”. *A Voz do Trabalhador*, Belém. n° 4, 22 maio de 1920, p. 2-3.

⁶⁴ Plácido, João. “Federação das Classes Trabalhadoras”. *O Semeador*, Belém. n° 38, 7 fev. 1920, p. 3.

⁶⁵ “Pelos Sindicatos”. *A Voz do Trabalhador*, Belém. n° 3, 15 maio.1920, p. 4.

⁶⁶ “O 1° de Maio em Belém”. *O Motorista*, Belém. n° 2, jun. 1928, p. 1-2.

Apesar de bastante incompletas e lacunares, as evidências encontradas até o momento indicam que as comissões executivas das organizações sindicalistas revolucionárias de Belém foram ocupadas majoritariamente por militantes libertários. Nesse sentido, o caso da FCT foi distinto da *Federação Operária do Rio Grande do Sul* (FORGS) (Queirós 2016) e da *Federação Operária de São Paulo* (FOSP) (Toledo 2004a), cujas direções foram disputadas e ocupadas por grupos de correntes políticas e ideológicas distintas ao longo de suas trajetórias.

Conforme apontado por Eric Hobsbawn, na história “vista de baixo” ou “das pessoas comuns” geralmente é mais viável inferir o pensamento dos sujeitos a partir de suas ações do que encontrar fontes escritas que o exponham explicitamente (Hobsbawn 1998, 222). Ocupar um cargo em uma federação sindicalista é uma ação que demonstra qual era o posicionamento em relação ao seu uso. No entanto, ao menos uma vez a apropriação do sindicalismo revolucionário como uma estratégia para atingir os fins libertários foi expressa de forma literal. O *Centro de Estudos Sociais*, grêmio cultural formado por libertários de Belém no final de 1926, estabeleceu em suas bases de acordo que:

Ideológica e filosoficamente, proclamamos e preconizamos o socialismo antiautoritário e antiestatal, ou seja, o Comunismo Libertário. *Consideramos que a organização operária baseada no moderno Sindicalismo Revolucionário é o veículo mais apropriado para a transição do sistema Capitalista-Estatal ao advento da sociedade Comunista Libertária do futuro* – julgamos do nosso dever inalienável prestigiar, incentivar e desenvolver a Organização Sindicalista Revolucionária entre as massas oprimidas e laboriosas, fortalecendo-as com nossa adesão aos sindicatos atualmente existentes assim como auxiliando a fundação d’outros, onde forem necessários, ou as circunstâncias aconselharem. (“Ação libertária no Pará”. *A Plebe*, São Paulo. n° 248, 26 mar. 1927, p. 4) (grifo nosso)

Considerações finais

Tendo em vista as discussões encetadas acima, as respostas provisórias para as questões propostas na introdução são as seguintes: apesar de uma presença intermitente entre os anos finais do século XIX e o início do século XX, o anarquismo teve uma penetração entre os trabalhadores de Belém – ou estes abraçaram as ideias, projetos e táticas libertárias – de forma mais intensa à partir da década de 1910, em grande medida devido à utilização do sindicalismo revolucionário como estratégia de organização.

Delineando os esforços militantes libertários nesse sentido, foi possível perceber que das atividades do modesto *Centro Sindicalista das Classes Trabalhadoras* (CSCT) atuante em 1912, se desenrolaram uma série de federações sindicalistas revolucionárias com algum grau de continuidade entre si, da efêmera *Federação Operária de Belém* (FOB), em 1913, substituída pela *União Geral dos Trabalhadores* (UGT), que hegemonizou ações grevistas em Belém do momento de sua fundação

em 1914 ao seu fechamento em 1918, sucedida pela *Federação das Classes Trabalhadoras do Pará* (FCT), fundada em 1919 e que atuou ao longo de toda a década seguinte.

A inserção ou o respaldo dessas organizações entre o operariado belenense variou ao longo dos anos. As categorias dos sapateiros e dos trabalhadores da construção civil (pedreiros, carpinteiros e pintores), foram aquelas em que houve uma certa estabilidade na manutenção de organizações de tendência sindicalista revolucionária por mais de uma década (embora não tenha sido possível estimar os contingentes de filiados a elas em cada período e essa presença não signifique necessariamente que a maioria ou todos os seus membros fossem anarquistas convictos); entre os padeiros e choferes, a presença também foi bem acentuada, apesar da descontinuidade das respectivas *uniões sindicalista* dessas categorias, que desapareciam e reapareciam ao longo dos anos. Já na maioria das categorias, como estivadores, vendedores ambulantes, empregados do comércio, hotéis e restaurantes, açougueiros, barbeiros e farmacêuticos, as experiências de organização sob orientação sindicalista foram bastante intermitentes e efêmeras, conforme pode ser vislumbrado no quadro I.

O momento de maior influência dessas organizações no operariado de Belém se deu na conjuntura entre o final de 1918 e o ano de 1920, no rescaldo das greves gerais encetadas por elas, quando grupos de várias categorias profissionais organizaram sindicatos filiados à UGT e depois a FCT. Nessa conjuntura, as organizações sindicalistas chegaram a mobilizar alguns milhares (até cerca de 7.000, se a estimativa do jornalista que noticiou a greve de outubro de 1918 estiver correta) de trabalhadores em suas atividades públicas e coletivas, como greves, comícios, assembleias e manifestações de 1º de maio.

Tal influência parece ter declinado ao longo da década de 1920, embora sua presença possa ser detectada pelo menos até o início da Era Vargas. Seja como for, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário fizeram parte do processo de fazer-se da classe trabalhadora em Belém do Pará, bem como da história social da cidade. Se este artigo tiver contribuído minimamente para a compreensão desses processos, terá cumprido seu objetivo.

Referências Bibliográficas

Batalha, Cláudio. 2022. “Anarquismo e Sindicalismo no Brasil.” In: *The Cambridge History of Socialism*, editado por Marcel Van Der Linden, 534-552. Cambridge: Cambridge University Press.

Braga, Marcos Lucas Abreu. 2023a. *Anos Vermelhos: Classe, Gênero e Nacionalidade no Movimento Operário de Belém do Pará (1917-1920)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Braga, Marcos Lucas Abreu. 2022^a. Bandeiras Negras na Amazônia: Os Grupos de Afinidade Anarquistas em Belém do Pará (1912-1927). *Escrita da História* 9 (17): 1-20.

Braga, Marcos Lucas Abreu. 2023b. De Belém do Pará ao Rio de Janeiro: Trajetórias de Militantes Operários por Meio dos Jornais Digitalizados (1910-1930). *Revista de Fontes* 10 (19): 131-148.

Braga, Marcos Lucas Abreu. 2022b. A Cultura Operária em Belém do Pará nos 'Anos Vermelhos': (1917-1920). *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades* 10 (2): 60 - 83.

Braga, Marcos Lucas Abreu. 2022c. As Escolas Anarquistas em Belém do Pará na Década de 1910. *Revista Tempo Amazônico* 11 (1): 104-124.

Brandão, Mathias Ferreira. 2018. *Filhos do Trabalho, Irmãos na Beneficência: A Sociedade Artística Paraense, 1867-1874*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Faculdade de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

Da Luz Rodrigues, José Ivanilson. 2019. Festividades Operárias: Recreação, Militância e Sociabilidades da Gente Laboriosa (Belém, 1928-1935). In: *Estudos Culturais em Cidades e Florestas: Poder, Trabalho, Memórias e Sociabilidades*, editado por Agenor Sarraf Pacheco, 186-198. Rio Branco: Nepan.

Felici, Isabelle. 1994. *Les Italiens dans le Mouvement Anarchiste au Brésil 1890-1920*. Tese de Doutorado, Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris.

Fontes, Edilza Joana. 2002. *Preferem-se Portugueses(as): Trabalho, Cultura e Movimentos Sociais em Belém do Pará (1885-1914)*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Hobsbawm, Eric. *Sobre História*. 1998. São Paulo: Companhia das Letras.

Loner, Beatriz Ana. 2011. “O IV Congresso Operário Gaúcho e o Ocaso do Movimento Anarquista no Rio Grande do Sul.” *Patrimônio e Memória* 7 (2): 176-203.

Oliveira, Adriano Craveiro de. 2019. *Trabalhadores na Primeira República no Pará (1860-1930): Estudos sobre Organizações e Greves de uma Classe em Formação*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém.

Oliveira, Adriano Craveiro de. 2013. *As Lutas Operárias em Belém da Primeira República: As Greves de 1917 a 1919*. Monografia de Graduação, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Graduação em História, Belém.

Oliveira, Tiago Bernardon de. 2018. Anarquismo e Revolução: Militância Anarquista e a Estratégia do Sindicalismo Revolucionário no Brasil da Primeira República. In *História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil: Novas Perspectivas*, editado por Kauan Willian dos Santos e Rafael Viana da Silva, 207-242. Curitiba: Editora Prismas.

Paião, Caio Giulliano. 2022. *Os Lugares da Marinhagem: Trabalho e Associativismo em Manaus, 1905-1919*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

Popinigis, Fabiane. 2007. *Proletários de Casaca: Trabalhadores do Comércio Carioca (1850-1911)*. Campinas: Editora Unicamp.

Queirós, César Augusto Bubolz. 2016. *Desvários Anarquistas na Rússia Rio-grandense: As Grandes Greves na Primeira República (1917-1919)*. Manaus: EDUA.

Salles, Vicente. 2001. *Marxismo, Socialismo e os Militantes Excluídos: Capítulos da História do Pará*. Belém: Editora Paka-Tatu.

Salles, Vicente. 1992. *Memorial da Cabanagem: Esboço do Pensamento Político-revolucionário no Grão-Pará*. Belém: Edições CEJUP.

Samis, Alexandre. 2004. Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil. In *História do Movimento Operário Revolucionário*, editado por Eduardo Colombo, D. Colson, et al. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais.

Thompson, Edward Palmer. 1987. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Volume III. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Toledo, Edilene. 2004a. *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: Trabalhadores e Militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Toledo, Edilene. 2004b. *Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália, 1890-1945*. Campinas: Editora Unicamp.

Viana, Nildo. 2020. Origem e Significado do Sindicalismo Revolucionário. *Revista Enfrentamento* 15 (26): 90-118.

Fontes

“A ação libertária no Pará”. *A Plebe*, São Paulo. nº 248, 26 mar. 1927, p. 4

“O 1º de Maio em Belém”. *O Motorista*, Belém. nº 2, jun. 1928, p. 1-2

“A ação libertária no Pará.” *A Plebe*, São Paulo. nº 248, 26 mar. 1927, p. 4.

"A cidade e o trabalhador." *O Semeador*, Belém. nº 14, 5 ago. 1919, p. 2.

"A greve de Val-de-Cães." *Jornal do Povo*, Belém. nº 20, 11 set. 1918, p. 1.

"A greve dos motorneiros e conductores da Pará Eletric." *Estado do Pará*, Belém. nº 2713, 16 out. 1918, p. 1.

"A greve dos motorneiros e conductores da Pará Eletric." *Estado do Pará*, Belém. nº 2714, 17 out. 1918, p. 1.

"A greve dos operários de Belém." *A Plebe*, São Paulo. nº 238, 10 ago. 1926, p. 3.

"A greve geral em Belém." *O Semeador*, Belém. nº 12, 18 jul. 1919, p. 1.

"Ao operariado amazonense." *A Luta Social*, Manaus. Suplemento ao nº 1, 27 fev. 1914, p. 1.

"Associações de Belém do Pará." *A Plebe*, São Paulo. nº 192, 7 out. 1922, p. 2.

"Associações de Belém do Pará." *A Plebe*, São Paulo. nº 247, 12 mar. 1927, p. 4.

"Aos empregados no comércio e indústria." *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 6, 5 jun. 1920, p. 3.

"Aos motorneiros e condutores." *O Semeador*, Belém. nº 6, 28 jun. 1919, p. 2.

"Aos operários de Belém." *O Semeador*, Belém. nº 20, 17 set. 1919, p. 4.

"Brasil Operário." *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. nº 51-52, 1 de abril de 1914, p. 3-4.

"Brasil Operário." *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. nº 53-54, 1º de maio de 1914, p. 4.

"Brasil Operário." *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. nº 56, 1 jun. 1914, p. 4.

Bentes, Dyonisio Ausier. *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo*. Belém: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1928. p. 166.

Castro, Antônio Emiliano de Souza. *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo*. Belém: 1922. p. 52.

De Menezes, Bruno. "Sejais sindicalistas." *O Semeador*, Belém. nº 33, 3 jan. 1920, p. 1.

"Desmascarando um cínico." *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 25, 1º de maio de 1924, p. 2; 4.

"Do Pará Proletário." *A Plebe*, São Paulo. nº 247, 25 jun. 1927, p. 2.

"Do Pará Proletário." *A Plebe*, São Paulo. nº 254, 25 jun. 1927, p. 2.

"Em defesa dos direitos dos trabalhadores." *O Semeador*, Belém. n° 5, 14 jun. 1919, p. 1.

"Estatutos da Federação da Classe Trabalhadora." *O Semeador*, Belém. n° 10, 26 jul. 1919, p. 2.

"Estatutos da União dos Chauffeurs." *Diário Oficial*, Belém. n° 6.326, 1° de jun. 1913, p. 432.

"Estatutos da União dos Manipuladores de Pão." *Diário Oficial*, Belém. n° 6.312, 16 maio 1913, p. 326-327.

"Estatutos da União dos Operários Sapateiros." *Diário Oficial*, Belém, n° 6.300, 30 abr. 1913, p. 231-232.

Gama, Silva. "Em torno das associações." *O Semeador*, Belém. n° 43, 13 mar. 1920, p. 2.

"Locais operários." *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. n.º 29, 15 abr. 1913, p. 4.

"Mundo Operário." *A Lanterna*, São Paulo. n.º 232, 28 de fevereiro de 1914, p. 3.

"Mundo Operário." *A Plebe*, São Paulo. n° 247, 12 mar. 1927, p. 4.

"Movimento operário." *O Semeador*, Belém. n° 15, 30 ago. 1919, p. 3.

"Movimento operário." *O Semeador*, Belém. n° 23, 25 out. 1919, p. 3.

"No Estado do Pará." *Onze de Janeiro*, Belém. Edição única, 11 jan. 1918, p. 1-2.

"No Estado do Pará." *Onze de Janeiro*, Belém. Edição única, 11 jan. 1918, p. 1-2.

Nazaré, F. "Les petits heros." *A Voz do Trabalhador*, Belém. 25 set. 1920, p. 2.

"No Pará." *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro. n° 59, 20 jul. 1914, p. 3.

"Operários em greve." *Estado do Pará*, Belém. n° 2920, 12 maio 1919, p. 1.

"Operários em greve." *Estado do Pará*, Belém. n° 2921, 13 maio 1919, p. 2.

"Operários em greve." *Estado do Pará*, Belém. n° 2922, 14 maio 1919, p. 1.

"Operários em greve." *Estado do Pará*, Belém. n° 2923, 15 maio 1919, p. 2.

"Operários em greve." *Estado do Pará*, Belém. n° 2926, 18 maio 1919, p. 1.

"Operários em greve." *Estado do Pará*, Belém. n° 2929, 21 maio 1919, p. 1.

"Operários em greve." *Estado do Pará*, Belém. n° 2915, 7 maio 1919, p. 2.

Oliveira, R. "O Sindicato." *A Voz do Trabalhador*, Belém. n° 4, 22 maio de 1920, p. 2-3.

Passos, Domingos. "Camaradas do Rio Grande do Sul." *O Syndicalista*, Porto Alegre. nº 2, 1º maio 1926, p. 3.

Plácido, João. "Federação das Classes Trabalhadoras." *O Semeador*, Belém. nº 38, 7 fev. 1920, p. 3.

"Pelos Sindicatos." *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 3, 15 maio. 1920, p. 4.

"Pelos sindicatos." *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 4, 22 maio 1920, p. 4.

"Pelos sindicatos." *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 7, 12 jun. 1920, p. 4.

"Proclamação do Sindicato dos Trabalhadores do Pará." *A Plebe*, São Paulo. nº 219, 10 nov. 1925, p. 2.

"Reivindicações do movimento operário." *O Motorista*, Belém. nº 3, 4 jul. 1929, p. 1.

"Solidariedade operária." *O Semeador*, Belém. nº 25, 30 nov. 1919, p. 3.

"Teoria e prática do movimento operário." *A Plebe*, São Paulo. nº 231, 5 jan. 1927, p. 4.

"Um grande movimento operário." *A Plebe*, São Paulo. nº 234, 15 abr. 1927, p. 4.

"Voz do Trabalhador." *A Plebe*, São Paulo. nº 248, 5 jan. 1926, p. 4.

"Voz do trabalhador." *O Semeador*, Belém. nº 1, 3 jan. 1920, p. 1.

"A greve dos motorneiros e condutores da Pará Eletric." *Estado do Pará*, Belém. nº 2714, 17 out. 1918, p. 1.

"Solidariedade operária." *O Semeador*, Belém. nº 25, 30 nov. 1919, p. 3.

"Reivindicações do movimento operário." *O Motorista*, Belém. nº 3, 4 jul. 1929, p. 1.

"Proclamação do Sindicato dos Trabalhadores do Pará." *A Plebe*, São Paulo. nº 219, 10 nov. 1925, p. 2.

"Proclamação da Federação Operária." *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 10, 5 jul. 1920, p. 3.

"Aos operários de Belém." *O Semeador*, Belém. nº 20, 17 set. 1919, p. 4.

"Aos operários de Belém." *O Semeador*, Belém. nº 20, 17 set. 1919, p. 4.

"Aos operários de Belém." *O Semeador*, Belém. nº 20, 17 set. 1919, p. 4.

Imagens

"Brasão da UGT." *Jornal do Povo*. Disponível em <https://sistemas.unesp.br/cedem/publico/material.pesquisar.action>. Consultado em 26 de maio de 2024.